

#29

PREÁ

REVISTA DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Dezembro 2017-Janeiro 2018 • Distribuição Gratuita

Especial
**Economia
Criativa**

**Cantata
dos Mártires**

Retrospectiva
2015-2018



expediente



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Governador **Robinson Faria**

Vice-governador **Fábio Dantas**

Assessora de Comunicação Social **Juliska Azevedo**

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Diretora Geral **Isaura Rosado**

Diretor Administrativo **Iaperi Araujo**

Coordenadora de Museus **Dione Caldas**

Coordenadora de Planejamento e Monitoramento de Projetos **Ana Neuma Teixeira**

Coordenador de Obras **Sérgio Wicliffe**

Coordenadora Cultural da Pinacoteca Potiguar **Geruza Câmara**

Coordenador Administrativo da Pinacoteca Potiguar **Nildo Rodrigues**

Coordenadora do Centro de Promoções Culturais **Áglia Revoredo**

Coordenador do Livro, Biblioteca e Leitura **Ailton Medeiros**

Coordenador da Cidade da Criança **Augusto Benfica**

Coordenador do Teatro Alberto Maranhão **Toinho Silveira**

Coordenadora do Teatro de Cultura Popular Chico Daniel **Sônia Santos**

Coordenador do Teatro Adjuto Dias **Alexandre Muniz**

Coordenadora do CENA **Roberta Danielle**

Coordenadora da Escola de Dança do TAM **Wanie Rose**

Coordenadora do Instituto de Música Waldemar de Almeida **Maria Celeste Andrade**

Coordenadora da Gráfica Manimbu **Socorro Soares**

Coordenador Administrativo **José Carlos Marques**

Chefe de Gabinete **Liane Ribeiro Dantas**

Subcoordenador das Casas de Cultura **Jefferson Tavares**

Subcoordenador da Assessoria Jurídica **Maria Helena Soares**

Subcoordenador da Lei Câmara Cascudo **Samuel Lins**

Subcoordenador do CEPEJUL **Onilson Rodrigues**

Subcoordenador de Finanças **João Josino do Forte**

Subcoordenador de Imprensa **Moisés de Lima**

PREÁ

Revista de Cultura da Fundação José Augusto

Número 29 - Ano 15

Dezembro 2017 - Janeiro 2018

Coordenação Editorial **Mário Ivo Cavalcanti**

Projeto Gráfico **Dimetrius Ferreira**



SECRETARIA DA ECONOMIA DA CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA



Indignação e coragem

Por Robinson Faria

Santo Agostinho dizia que a esperança tem duas belas filhas, a indignação e a coragem. A indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão, e a coragem, a mudá-las.

É com esses sentimentos que sigo lutando na missão por mim assumida e a mim confiada pelo povo do Rio Grande do Norte há três anos. Em nenhum desses longos e contínuos dias, jamais perdi a indignação ao me deparar com a injustiça e o erro, como também jamais perdi a coragem de lutar pelo melhor para o nosso estado. É o que estamos fazendo e é o que vamos conseguir, mesmo – e ainda mais – neste momento de crise financeira que afeta todo os estados do Brasil.

O setor da Cultura, um dos primeiros a sofrer cortes em situações como essa, não foi esquecido nem abandonado em minha administração. Prova disso é essa edição da revista *Preá*, veículo já tradicional de expressão da nossa cultura e vitrine aberta para expor as diversas manifestações artísticas de nosso povo, preservando um diálogo criativo com novas formas de pensamento e ação.

Não à toa, esta edição tem como foco a Economia Criativa e seu papel transformador e estratégico dentro do sistema produtivo. Com tanta gente criativa atuando entre nós, o Rio Grande do Norte só tem a ganhar. E o poder público, por obrigação, deve apoiar esse setor da Economia.

Não foi acaso, também, que, este ano, conseguimos traduzir a emoção e a fé de um acontecimento histórico, ocorrido há séculos: o massacre de inocentes, entre eles, muitos potiguares. O primeiro sangue cristão derramado em terra brasileira veio dos trinta mártires de Cunhaú e Uruaçu, que, hoje, são os mais novos santos da Igreja Católica, exemplos de indignação, coragem e esperança, sentimentos que faço questão de compartilhar com cada de um de vocês, norte-riograndenses.

Fé e esperança

Por Isaura Rosado

Quando o governador Robinson Faria me convidou para retornar à Fundação José Augusto e colaborar com sua gestão, aceitei de imediato, motivada por uma admiração sincera pelo seu espírito público, e pela possibilidade de deixar, mais uma vez, importantes legados para a Cultura do estado – entre eles, a recuperação, restauração e reabertura de vários equipamentos culturais.

Passados dois anos, o balanço é positivo. Realizamos as obras do Museu Café Filho, do Teatro Adjuto Dias, e da Biblioteca Câmara Cascudo – que deve ser reaberta no início de 2018. Iniciamos as obras do Memorial Câmara Cascudo e, em breve, faremos a licitação do Teatro Lauro Monte, cuja tramitação durou dois anos, um tempo excessivo, capaz de revoltar qualquer gestor. A Fortaleza dos Reis Magos também enfrentou um longo processo de negociação e trâmites administrativos, mas está retornando à FJA, por decisão e empenho do governador.

Temos ainda outros grandes investimentos e obras que pretendemos concluir: o Teatro Alberto Maranhão e sua Escola de Dança, a Pinacoteca, o Espaço Cultural do Centro Administrativo, o Planetário da Zona Norte.

Esses foram e são alguns dos muitos desafios que me propus enfrentar. Chegando ao final de mais um ano de trabalho, posso dizer que conseguimos realizar muito do possível e menos do desejado. Se mais não fizemos, não foi por falta de recursos e apoio – e quanto a isso só temos a agradecer ao governador – mas por excesso de burocracia.

Para concluir, lembro um dos pontos altos da ação da FJA nestes últimos anos: a *Cantata para os Santos Mártires*, que conseguiu fazer o enlace entre Cultura e Turismo – aliás, tudo a ver com o tema deste número da *Preá* – e ser exemplo vivo de renovação da nossa fé e esperança em dias melhores.

Em nome da

fé

O desejo era antigo, desde 2009. Mas, somente em agosto deste ano, o compositor Danilo Guanais e a coreógrafa e diretora cênica Diana Fontes puderam concretizá-lo, mesmo diante de um enorme desafio: pouco mais de 60 dias para recriar, montar, e apresentar a um grande público, a história de resistência de um grupo de colonos católicos à invasão holandesa no Rio Grande do Norte, em nome da fé.

Por Cleonildo Melo e Mário Ivo Cavalcanti
Fotos Bruno Martins e Igor Fortunato

A vitória sobre o desafio resultou num espetáculo não menos grandioso: a *Cantata para os Santos Mártires*, que reúne fatos históricos, música e poesia para representar os massacres ocorridos em Cunhaú e Uruaçu – atuais Canguaretama e São Gonçalo do Amarante, respectivamente –, localidades da então Capitania do Rio Grande. À distância de três meses, em julho e outubro de 1645, mais de cem pessoas, inclusive mulheres e crianças, foram massacradas. Destes, 30 foram reconhecidos e declarados santos, quatro séculos depois,

Idealizado para marcar a canonização dos Mártires pelo Papa Francisco, em outubro deste ano, o espetáculo foi encenado primeiramente em São Gonçalo do Amarante e depois em Natal e Canguaretama, poucas semanas após a celebração no Vaticano. A cantata teve direção geral de Diana Fontes e direção musical de Danilo Guanais, que se baseou em escritos do padre Murilo, de monsenhor Herôncio, e do escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Valério Mesquita. “Eu tinha tanta vontade de fazer esse trabalho que, quando comecei, ele foi fluindo, de forma impressionante”, revela o compositor sobre o processo de criação. Não foi fácil – para finalizar o roteiro da cantata, o compositor teve de virar noites. “Era um enorme desafio, faltando apenas uma semana e meia, eu ainda tinha que concluir as músicas e gravar todo o playback.”

Além dos três personagens mais conhecidos – os agora santos André de Soveral, Ambrósio Ferro e Mateus Moreira –, o roteiro traz um vilão, o mercenário alemão Jacob Rabbi, comissionado do governo holandês e responsável pela relação amistosa com os índios tapuias. Rabbi – segundo muitos historiadores “a figura mais detestada na Capitania do Rio Grande” – comandou uma série de atrocidades em terras potiguares. Guanais lembra que teve um cuidado “diplomático” em relação à questão indígena: “Criei momentos para ilustrar a noção de que o índio era o legítimo dono da terra e tinha razões para ter uma ação mais incisiva contra aqueles que a invadiam. O holandês aparece como um aliado na luta contra os portugueses.” Como recorda o historiador caicoense Olavo Medeiros Filho, foram os holandeses que “promoveram o fim da escravidão dos índios, livrando-os do julgo que lhes se havia imposto pelos portugueses”.

Violência e paixão

Outro desafio foi fazer um texto poético que transitasse dentro da literatura, da cultura popular, mas sem pintar com excesso de sangue toda a história, já naturalmente carregada de violência. Para isso, o compositor se valeu de metáforas, a fim de suavizar a barbárie. “Eu acho que a violência não podia aparecer em termos literais, explícitos. O texto não precisava dizer exatamente o que as crônicas dizem, até porque são muito pesadas. Então, deixei a impressão de uma chacina, de uma morte injusta, de uma

covardia, de uma crueldade.” Guanais lembra ainda que os mártires foram canonizados sem milagres – “porque foi atribuído a eles o milagre de resistir à tamanha brutalidade e violência, sem perder a fé, e, mais importante, a vontade de manifestar verbalmente essa fé.”

Coube à Diana Fontes traduzir as metáforas do texto através dos elementos da encenação, desde a projeção mapeada – de Wilberto Amaral –, passando pela iluminação e elenco, até o figurino e adereços – esses dois últimos assinados pelo estilista Riccardo San Martini, que recriou, com orçamento baixo, as vestimentas de colonos, índios e holandeses.

A encenação contou com 50 atores, a maioria de São Gonçalo do Amarante. “A princípio foi aterrador, mas, depois, muito prazeroso”, reconhece Fontes. Ela conseguiu em pouco tempo – dez dias – passar com o grupo as dez cenas que compõem o espetáculo, graças à participação de profissionais como João Alexandre, que trabalhou a parte de expressão corporal dos atores, e Gleydson Almeida, assistente de direção. A diretora faz questão de dizer que todo o elenco também opinou. “Você não pode fazer a mesma gestualidade, a mesma intenção, para falar de caviar ou de macarronada, de enchente ou de seca. Trabalhamos juntos, realmente, para entender o que é uma dramaturgia.”

Passada a temporada de apresentações, Diana Fontes diz: “Eu não acreditava que conseguiríamos fazer... ainda mais algo assim... violento. Minhas coisas são mais lúdicas, como vou fazer um negócio violento desses?!”, chegou a questionar o parceiro profissional, com quem trabalha há 27 anos.

A diretora geral da *Cantata para os Santos Mártires* cita que houve um questionamento sobre a possibilidade de o espetáculo ter sido mais direto, já que poucas pessoas conheciam a história. “Não, gente, a arte é uma maneira de provocar, de estimular o povo a conhecer a história. Diferente do *Chuva de Bala no País de Mossoró*, que já tem 16 anos e já provocou na população o interesse em procurar saber a história, essa *Cantata* é a primeira. E eu acho que o maior propósito da arte é provocar, estimular, despertar o interesse. Mas é preciso dialogar.”

Para Isaura Rosado, uma das coordenadoras do projeto, juntamente com a Sethas e Setur, os diretores obtiveram grande êxito em seu propósito. “O público assistiu e prestigiou essa homenagem que preparamos para o povo potiguar. Estamos, também, muito agradecidos ao governador Robinson Faria por essa iniciativa histórica.” A diretora geral da FJA lembra ainda que “é de extrema importância a disseminação dessa agenda cultural, que pretende não só homenagear os Mártires, como vincular essa história ao turismo religioso e, por consequência, promover o desenvolvimento econômico da Grande Natal e demais regiões.”

A *Cantata para os Santos Mártires* é uma realização do Governo do Estado, através do Governo Cidadão, com patrocínio do Banco Mundial. É uma ação conjunta da Secretaria de Estado do Turismo (Setur), Secretaria de Trabalho, Habitação e Ação Social (Sethas) e Fundação José Augusto, dentre outros órgãos do Estado. O espetáculo tem o apoio da Arquidiocese de Natal e da Prefeitura de São Gonçalo.

OS 30 SANTOS MÁRTIRES DO BRASIL

1. Padre André de Soveral
2. Padre Ambrósio Francisco Ferro (português)
3. Mateus Moreira
4. Antonio Vilela Cid (espanhol)
- 5-6. Antônio Vilela, o Moço, e sua filha*
- 7-9. Estêvão Machado de Miranda e suas duas filhas*
- 10-11. Manuel Rodrigues de Moura e sua esposa*
12. João Lostau Navarro (francês)
13. José do Porto
14. Francisco de Bastos
15. Diogo Pereira
16. Vicente de Souza Pereira
17. Francisco Mendes Pereira
18. João da Silveira
19. Simão Correia
20. Antônio Baracho
- 21-22. João Martins e seus sete companheiros*
29. Filha de Francisco Dias*
30. Domingos de Carvalho

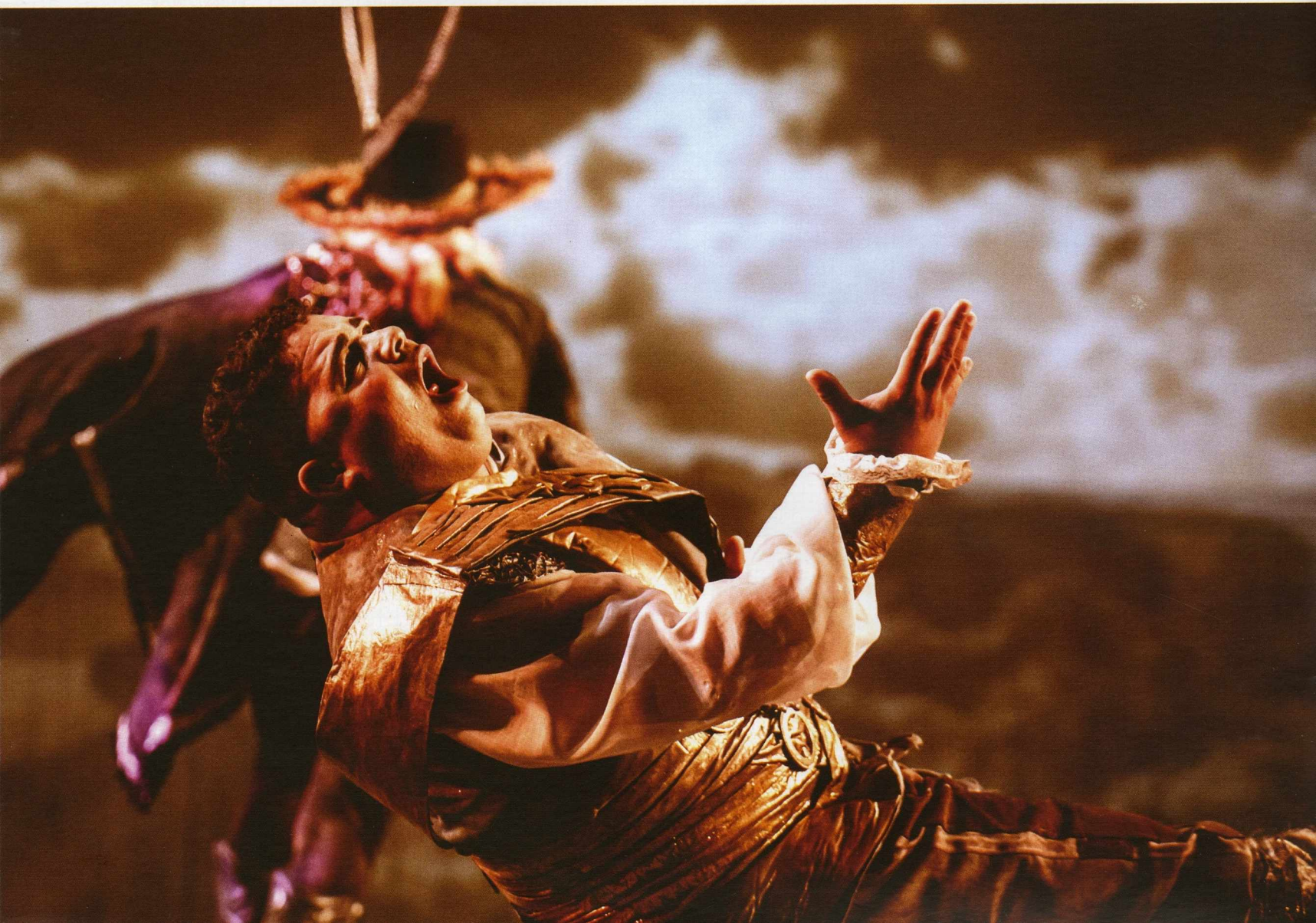
* A identificação dos canonizados não se deu apenas pelos nomes, mas também por identificação de parentesco ou de amizade com as vítimas conhecidas.

Ninguém sai impune daqui

Imaginar é o princípio da criação. Nós imaginamos o que desejamos, queremos o que imaginamos e, finalmente, criamos aquilo que queremos.

George Bernard Shaw

Por Diana Fontes
Fotos Bruno Martins





Criadora no segmento das artes cênicas, minha inspiração vem de diversas formas, a depender do tema e dos fatos acontecidos na atualidade. As interferências cotidianas funcionam como um estopim no tocante à imaginação. Situações inerentes à vida urbana, e conflitos sociais que me incomodam, com certeza estarão embutidos na criação. Mexem comigo. Por exemplo, o *Presente de Natal*, projeto iniciado em 1997, retrata o nascimento de Jesus. Mas, para mim, o “ponto do doce” da história desse grande líder espiritual é o seu legado, e é nele que busco a inspiração para cada ano criar um novo roteiro de encenação e compartilhar com a equipe. Texto, trilha musical, a *plástica* (figurino e cenário), imagens, luz e som. Em 2005, *Um Presente de Natal* já teve como tema a matança dos inocentes ocorrida na Rússia numa escola infantil, onde Maria surgia cantando “Grita no mundo o Amor” e o coro finalizava com “Tudo o que eu quero é ter Esperança”, dramaturgia de Claudia Magalhães. Com certeza os líderes espirituais jamais concordariam com a guerra “santa” no Oriente Médio, por facções religiosas extremistas. Jesus nasceu e morreu tentando unir os povos, enaltecendo a fraternidade, a generosidade. O respeito às divergências. Essa percepção levou a dizermos:

Quem diria, Jerusalém. Terra Santa sedenta de amor. No teu solo três crenças se cruzam, no teu peito três lanças de dor. (Letra de Danilo Guanais para *Um Presente de Natal*, 2004)

A gestualidade, os costumes, a pulsação da música, as leituras sobre o tema abordado, “recheiam”, alimentam e fazem com que esse “ponto do doce” não “desonere”. Necessário ser de verdade. Costumo dizer que:

A arte é uma mentira que deu certo.

Portanto, torna-se uma mentira verdadeira. Como diz Chaplin: *Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.*

A criação tem um gráfico, desenho dramático. Cenas pra contestar, sorrir, chorar, mas sempre provocar uma reação. Deixar que cada espectador liberte sua imaginação e conte sua própria história, entenda como lhe convier. Nunca sair impune de uma obra artística. Pra mim essa é a essência da criação.

Danilo e eu

Criar com Danilo Guanais é uma dádiva. Juntos desde 1990, quando ele compôs “Rush” para a coreografia *Depois do Sol*, da Corpovivo Cia. de Dança, baseado no isolamento e lucidez dos que são internados com problemas psíquicos.

Nesses vinte e sete anos, passeamos por autos, criações para teatro e dança, na capital e por todo o Rio Grande do Norte. Experimentamos, inovamos, viajamos em tempestades de ideias. Amadurecemos juntos. Naveguei em outros oceanos, assim como ele, mas sempre sintonizados. Nossa química apurou, tomou forma e, hoje, consolidada, une emoção, observação, imaginação e técnica.

Por Diana Fontes



Diana e eu

Parcerias não nascem com o vento. Não são simples resultados de um acordo ou contrato momentâneo. Parcerias não são feitas pela vontade de ninguém, surgem espontaneamente, construídas pela meticulosa ação da engenharia da amizade, do respeito, e, sobretudo, pela ação do tempo.

Quando falo em tempo, não falo simplesmente de um tempo cronológico, mas de um tempo que foi aproveitado na construção de uma identidade. Não existem parcerias sem identidade mútua, complementar e cúmplice. Faz-se necessária a paciência, o trabalho, a tolerância e a suprema arte de saber quando perder e quando ganhar.

Em meu trabalho tive a sorte de ter grandes parceiros. Na vida, na música, na amizade verdadeira, no companheirismo do dia-a-dia. E é curioso perceber, hoje, como a dinâmica da parceria parece fácil, quando, na verdade, navega num mar que foi construído pela constância, pelo amor e pela interminável vontade de se deslumbrar com os resultados dela.

Lembro sempre do meu trabalho com Diana Fontes, só pra citar um exemplo – nessa parceria de mais de vinte e cinco anos, somos capazes, hoje, de erigir um edifício inteiro em alguns dias, na forma de um grande espetáculo, num processo em que cada passo, mesmo dado na intimidade de um dos dois, em algum lugar da imensidão do incompreensível se articula com os passos do outro, como se tudo estivesse combinado... como se não fosse pelo simples fato de termos construído, nesse tempo todo, e com base no profundo respeito e amizade, uma das mais frutíferas parcerias que tenho em minha vida profissional.

Por Danilo Guanais





Fotos Divulgação

Danilo Guanais

Principais Criações

Música de concerto

- A Cachoeira de Paulo Afonso - 2017
- Concerto para fagote e orquestra - 2016
- O turista aprendiz - 2015
- A Festa da Santidade - 2013
- A Paixão segundo Alcaçus - 2012-2013
- Sobre o túmulo de Orfeu - 2010
- Sinfonia no. 2 "Armorial" - 2008
- O Navio Negreiro - 2007
- Sinfonia no. 1 "Adão" - 2002
- A Igreja Verde - 1998
- Missa de Alcaçus - 1996

Música de cena

- A Barca de Caronte - 2015
- O Senhor dos Labirintos - 2009
- Papai pirou nas ondas do rádio - 1991
- A Missão - 1989
- Quem beliscou Paulinho? - 1988
- O processo de Lucullus - 1988

Grandes Autos

- Cantata para os Santos Mártires - 2017
- Terra de Sant'Ana - 2006-2007/2017
- Chuva de bala no país de Mossoró - 2003-2017
- Oratório de Santa Luzia - 2001-2017
- Um Presente de Natal - 1997-2017
- A Festa do Menino Deus - 2010-2011
- Auto da Liberdade - 2007-2011
- Nas asas da História - 2006-2011
- Auto de São João Batista - 2005-2006

Musicais

- TEATOR! - 2017
- Contos potiguares - 2015
- Seu Sol, Dona Lua - 2014
- Beco da Alma - 2011
- Bye bye, Natal - 2004
- A Ópera do Malazarte - 2001

Diana Fontes

Principais Criações

Natal

- Cantata para os Santos Mártires - 2017 (e em São Gonçalo do Amarante e Canguaretama)
- Um Presente de Natal - 1997-2017
- Pelas Trilhas da Vida - 2016
- A Barca de Caronte - 2015
- Seu Sol, Dona Lua - 2014
- Titina e à Fada dos Sonhos - 2013
- Senhoras da Luz - 2010 (Nossa Senhora dos Navegantes, na Redinha/ Nossa Senhora da Esperança, na Cidade da Esperança)
- Entre Nós - 2009

Mossoró

- Chuva de Bala no País de Mossoró - 2015-2016
- Oratório de Santa Luzia Mossoró - 2007

Seridó

- Terra de Sant'Ana - 2006-2007

Assu

- Auto de São João Batista - 2005-2007

Recife

- Se chovesse, vocês estragariam tudo - 1985
- Paixão de Cristo de Nova Jerusalém - 1980-1981
- Calígula - 1979
- Equus - 1978
- Romeu e Julieta - 1978

economia criativa

Um Rio *Criativo* do Norte

Por Cleonildo Melo
Ilustrações Sofia Bauchwitz



Toda vez que um repentista improvisa rimas, um violeiro entoia modas, um cordelista imprime versos, uma rendeira manuseia bilros, uma banda lança novas músicas, e um ator ou uma atriz sobe ao palco, todos eles estão expondo não apenas seus talentos, mas preservando tradições, inovando, mostrando sua criatividade e, sobretudo, eles estão *empreendendo*. Profissionais ou amadores, todos integram um setor que gera renda, cria empregos, mexe com a economia e promove a diversidade cultural e o desenvolvimento humano: essa é a chamada *indústria criativa*. O Rio Grande do Norte tem um bom exemplo de política pública para apoiar quem atua nessa cadeia produtiva.

Resultado de uma parceria entre a Secretaria de Economia Criativa do Ministério da Cultura e o Governo do Estado, através da Fundação José Augusto, a Incubadora RN Criativo recebeu um aporte de R\$ 1,5 milhão para potencializar as atividades dos atores desse setor e ajudá-los a encarar a atividade como negócio, através de capacitações, atendimentos e apoio técnico. A Incubadora teve início a partir de 2012, quando foi firmado o convênio para implantação do empreendimento.

Funcionando no Solar João Galvão, onde fica o Centro de Documentação do RN (GEDOC), na Avenida Câmara Cascudo, na Ribeira, a Incubadora prestou atendimento e assessoria aos agentes e empreendedores do segmento.

O mérito do RN Criativo foi prestar, até o ano passado, serviços que englobavam formação, capacitação, consultorias e assessorias técnicas, voltadas para a qualificação da gestão de projetos, produtos e negócios de micro e pequenos empreendimentos criativos. A proposta central foi fortalecer e consolidar a rede de empreendedores e agentes culturais do estado, por meio da Economia Criativa, fomentando ações que permitissem a inovação, inclusão social, sustentabilidade e diversidade cultural, além da manutenção do Patrimônio Imaterial do Rio Grande do Norte.

Um birô de criativos

A incubadora foi efetivada com a implantação do escritório Criativa Birô do Rio Grande do Norte (RN Criativo). Foram adquiridos equipamentos e mobiliário, e feita a contratação de serviços de profissionais especializados, responsáveis pelo atendimento a profissionais, amadores e empreendedores dos setores criativos, no Programa de Trabalho 2027, Promoção de Negócios e Fomento a Empreendimentos e Empreendedores dos Setores Criativos.

A aquisição de material e o processo de seleção de pessoal para compor a equipe do projeto aconteceu em 2013, e a seleção da equipe foi realizada no início do ano seguinte. Faziam parte da equipe Danielle Brito e Carlos Wagner, que eram os coordenadores de gestão, Robespierre Procópio (coordenador de empreendedorismo), Jean Sartief (coordenador de formação), Henrique Fontes (coordenador de articulação) e Gilmerly Silva (agente administrativo), além de cinco agentes territoriais e um técnico responsável pelo atendimento.

Os trabalhos tiveram início com o treinamento de pessoal e as reuniões para a elaboração do planejamento estratégico das ações do projeto, com o apoio da Fundação José Augusto. Após isso, o RN Criativo deu início a suas atividades, a maioria desenvolvida entre maio de 2014 e junho do ano passado. Foram realizados atendimentos em Natal e em outros municípios do estado, como Santana do Matos, Santa Cruz, João Câmara, Lajes, Pau dos Ferros, Parelhas, Mossoró, Assu e Nova Cruz.

Todas as capacitações oferecidas pelo RN Criativo foram baseadas em pesquisas feitas junto aos atores do segmento, que apontaram as demandas territoriais por novos cursos na área da cultura. No período, foram realizadas cerca de 200 consultorias, para orientar e apoiar os artistas sobre suas atividades e projetos artísticos – todos desenvolvidos exclusivamente no estado.

O RN Criativo prestou auxílio técnico na elaboração e execução dos projetos, produtos e serviços criativos – desde a elaboração até a execução das ações –, auxiliando na solução de possíveis problemas que poderiam dificultar o sucesso de seu negócio. Foram realizadas, ainda, 57 atividades de formação e qualificação especializadas, entre cursos, oficinas e palestras, sendo 42 em Natal e 22 atividades no interior do estado, beneficiando um total de 1.729 alunos. Destes, 1.337 estavam em Natal e 392 no interior. Essas capacitações, com carga horária entre 9 e 40 horas-aula, foram focadas em linguagens artísticas e culturais, como audiovisual, artes visuais, música, teatro, circo, dança, literatura, fotografia e história em quadrinhos.

Como o norte da incubadora era estimular a visão do capital intelectual e cultural como elemento de valor econômico agregado, a parte estratégica foi prioritária, sobretudo nas áreas de gestão e marketing. As capacitações envolveram temas como Empreendedorismo, Inteligência Emocional, Gestão Cultural, Gestão Financeira, Gestão de Eventos e de Carreiras, Marketing Digital, Comunicação, Design Thinking, Mercado, Captação de Recursos, Produção Cultural, Direito Autoral e Acessibilidade Cultural.

Primeiros passos

Para Carlos Wagner, um dos desafios da Incubadora foi superar questões políticas. “Passávamos e ainda estamos passando por uma situação muito complicada na economia. Houve um atraso muito grande para poder receber os recursos federais, o que dificultou muito as nossas ações, pois chegamos a ficar sem verba para trabalhar.”

Mas houve também avanços. Fazendo um balanço, o coordenador acredita que a equipe conseguiu levar informação do que significa a Economia Criativa, e que é um aspecto da economia ainda pouco explorado, mas com grande futuro. “Dissemos conhecimento, não só em Natal mas em todo o estado.”

Analisando o perfil do público contemplado pela Incubadora, Wagner diz que a maioria já tinha noção de que a atividade que desempenha precisa, e deve ser lucrativa, e encarada como negócio. “Faltava a eles saber mensurar o valor e a importância do próprio capital intelectual e compreender que não é porque são informais que não precisam ter organização, responsabilidade, disciplina. Que é importante a formalização do trabalho e sua administração planejada.”

Quanto a isso, a equipe também conseguiu mostrar aos novos empreendedores culturais o lado mais formal da administração, necessária para o sucesso de todo negócio. “Poder aprender e ensinar, fazer perceber o quão rico o nosso estado é, mas que, infelizmente, ainda não sabe explorar bem suas riquezas”, resume o coordenador sobre outros aspectos positivos do trabalho desenvolvido,

Em relação ao fim das atividades do birô, Wagner lamenta: “Tivemos centenas de atendimentos, vários projetos contemplados em diversos editais de cultura, inúmeras capacitações. Fui duas vezes a Brasília e, nas duas vezes, o RN Criativo foi bastante elogiado nos encontros nacionais das incubadoras. Esse projeto foi o primeiro passo para que o Rio Grande do Norte começasse a enxergar seus próprios anseios.”

Novidades além da crise

Todas essas ações terminaram por beneficiar, direta ou indiretamente, atividades tradicionalmente já consolidadas, como o artesanato e a cena musical, mas também nichos expoentes, como no caso do audiovisual, que tem ganhado força graças à profissionalização de fotógrafos, cinegrafistas e cineastas.

Segundo a Associação Brasileira da Produção de Obras Audiovisuais (APRO), o setor audiovisual potiguar emprega quase 1,5 mil profissionais. E mais: entre 2007 e 2014, o Rio Grande do Norte foi o estado brasileiro com maior aumento da massa salarial paga nessa área, com um crescimento de 118,8%, saltando de R\$ 14,1 milhões para R\$ 31 milhões.

O RN Criativo nasceu no momento em que a Economia Criativa se mostrou menos impactada diante do cenário econômico adverso do período entre 2013 e 2015. A participação do PIB Criativo estimado no PIB nacional cresceu de 2,56% para 2,64%, enquanto praticamente todos os demais setores registraram retração. Uma prova de que a indústria da ideia e da criatividade é ávida por ser valorizada e ainda tem muito a mostrar. Apesar de ainda não existir estatísticas locais, a área da economia criativa foi responsável por gerar riquezas da ordem de R\$ 155,6 bilhões para o país, só no ano passado, segundo mapeamento feito pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN). Infelizmente, o maior número de profissionais criativos ainda se concentra no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, que, juntos, representam pouco mais da metade do setor. Projetos como o RN Criativo podem mudar esse cenário e reforçar o papel estratégico que os *criativos* potiguares podem ter na economia do estado.

RN Criativo em números

1.337 empreendedores atendidos em Natal

392 empreendedores atendidos no interior

200 consultorias realizadas

57 atividades de capacitação

1,5 milhão de reais em investimento

Municípios atendidos

Assu
João Câmara
Lajes
Mossoró
Natal
Nova Cruz
Parelhas
Pau dos Ferros
Santa Cruz
Santana do Matos

Experiências com o RN Criativo



Um olhar para o futuro

Por Danielle Brito

O RN Criativo surgiu em um momento interessante, enquanto fazia parte de um projeto nacional do Ministério da Cultura. Não era nos moldes de uma incubadora tradicional, mas muito mais um birô, onde se tinha ações de formação e de mapeamento da Economia Criativa do estado.

Toda experiência é válida, tudo o que se transmite de conhecimento é sempre válido. Agora é preciso pegar esse conhecimento e transformá-lo. Dentro dos limites e de sua proposta, o RN Criativo foi um projeto válido, sim. Porém, acredito que poderia ter sido aperfeiçoado. Mais: eu sempre defendi que o RN Criativo deveria oferecer uma formação continuada, porque toda descontinuidade é ruim.

A Economia Criativa está em presente em tudo. Só precisa ser reconhecida e estimulada, assim como outros setores, como a agricultura e a indústria. Daí a necessidade de um olhar diferenciado, sobretudo do poder público. A Cultura precisa ser defendida e fazer parte da agenda das políticas públicas em todas as esferas. Esse é o setor do terceiro milênio.

A economia da Cultura já está definida e já está posta. É reconhecida no mundo inteiro como um vetor de desenvolvimento, principalmente em países com o mesmo perfil que o nosso. O Brasil e o estado do Rio Grande do Norte é que precisam se enxergar e ver todas as possibilidades de alavancar esse setor econômico. Mas sem investimento e sem continuidade dos projetos, isso fica no horizonte muito longe, muito perdido.



Um diferencial que faz falta

Por Milena Azevedo

Gosto de desafios. Gosto de aprender. Gosto quando aprendo a lidar com os desafios. Foi com esse espírito que fiz meu primeiro curso no RN Criativo, nos idos de 2014. Por precisar de dicas de como escrever projetos para as leis de fomento locais, resolvi me inscrever no curso da produtora cultural Danielle Brito.

Tantas lições, contatos bacanas. Um acolhimento para artistas, alguns um tanto quanto perdidos com os trâmites da burocracia – como eu. E, o melhor, tudo de graça!

Foi lá onde aprendi o que era a tal da “Economia Criativa” – e olhe que eu *aperreei* muito, fazendo uma porção de perguntas para sanar minhas dúvidas. Acho que, de tanto perguntar, todos ali passaram a guardar meu nome, principalmente Jean Sartief, que me mandava direto a programação dos novos cursos.

Ao obter as respostas que precisava, senti-me segura para escrever os projetos que tinha em mente. Logo de cara, tive dois projetos meus aprovados na Lei Djalma Maranhão. No ano seguinte, aprovei outro projeto na Lei Câmara Cascudo. Não consegui captar, mas isso é outra história.

Segui fazendo mais cursos – com Anderson Foca, com Fernando Rochael. Depois, mesmo sem curso algum disponível em horário que eu pudesse fazer, às vezes dava uma passada, só pra dar um alô ao pessoal.

Para minha surpresa, no final de 2015, Sartief me convidou a ministrar um curso por lá – um curso de roteiro! Foi um baita presente. E mais um aprendizado. Àquela altura, eu já era MEI (microempreendedora individual), por conselho da própria Danielle Brito.

Fiquei triste ao saber de algumas dificuldades pelas quais passou o RN Criativo, e mais ainda quando aquele espaço maravilhoso fechou as portas.

Ainda hoje, o RN Criativo faz falta – mas saúdo a sua breve existência. Fez o diferencial, para mim e para uma gama de artistas locais.



O grande negócio criativo

Por Josenilton Tavares

É importante o estado ter um órgão que planeje e execute as ações do Plano Nacional de Economia Criativa, pela visibilidade e relevância que tem para o setor produtivo. Ganha o empreendedorismo cultural. Todas as iniciativas para a cadeia da cultura, como um todo, são sempre bem vindas, e, quando estão num nível de profissionalização e maturidade da sua execução técnica, ganha um contorno positivo para a sociedade, enquanto vetor de desenvolvimento social e econômico.

A incubadora teria esse papel, de capacitar os empreendedores culturais – por exemplo, melhorando o acesso a recursos de editais públicos e privados das leis de incentivo existentes.

Atualmente, o que mais se discute é a continuidade da qualificação dos agentes culturais para que possam ter acesso a essas oportunidades e canais de financiamento. Na prática, o desconhecimento dos processos burocráticos exigidos para pactuar com o poder público é um pouco desafiador para a maioria dos artistas e produtores. Independente de produzir um CD ou um show, por exemplo, o artista vai ser gestor, e precisa saber gerir os recursos, sobretudo se forem públicos, para fazer a prestação de contas.

É papel do poder público dar as condições para que o setor produtivo, inclusive o setor criativo, tenha acesso a esse tipo de capacitação. Acho que a existência de incubadoras e de “setores” que capacitem os agentes para a existência e fortalecimento dos negócios criativos continua oportuna.



Criatividade e sucesso

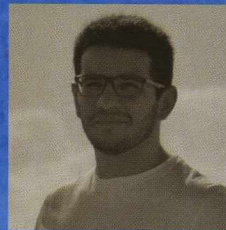
Por Lídia Quaresma

O artista invoca uma parte do cérebro – mais empírica – quando está em seu processo de trabalho. Já calcular, planejar, preencher planilhas e seguir calendários, fazem parte de outro universo – cerebral, também.

Se apropriar destas duas funções, caso o artista não seja um talento nato, requer todo um aprendizado, para que o processo criativo caminhe lado a lado com o sucesso financeiro.

Afirmo isso não por estudo estatístico, mas pelo meu olhar sobre mim mesma. E, acredito, há muitos que se identificam desta mesma forma.

Por isso, o RN Criativo teve, sim, e tem, a minha aprovação. Espero que esse apoio, esse projeto, tenha ajudado verdadeiramente aos companheiros criadores e criativos.



Fonte de inspiração

Por Adonias Pimenta Jr.

Atualmente, me encontro em Pau dos Ferros, mas posso relatar aqui um pouco sobre a minha experiência com a incubadora.

Ao longo de cinco oficinas, que somaram mais de 100 horas de conteúdo, eu pude não só aperfeiçoar minhas habilidades técnicas, mas também me conhecer melhor como profissional. E isso foi bem impactante para um jovem recém-formado em Cinema.

Atualmente trabalho com planejamento de conteúdo digital, e estou na reta final do MBA em Marketing, com um projeto de investigação de experimentos em Comunicação. Inclusive, um dos meus primeiros contatos com esse tipo de experimento se deu com a oficina de Design Thinking, que fiz no RN Criativo.

Além dos treinamentos adquiridos, a incubadora também me permitiu conhecer de perto grandes profissionais potiguares, que se tornaram uma inspiração para mim, como os colegas Luíza de Sá e Rafael Noberto, e os facilitadores Flávio Emílio e Samuel Gondim.



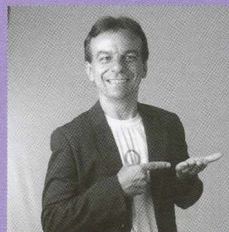
Reinventar-se

Por Nathália Santana

A Incubadora RN Criativo surgiu no momento oportuno, de efervescência cultural na cidade do Natal, e, conseqüentemente, de ampliação do mercado de trabalho para quem atuava, então, nos setores da Economia Criativa e das artes. Eu cheguei, inclusive, a participar de alguns cursos e workshops, que foram ministrados e traçados dentro do plano de desenvolvimento da Incubadora. Para mim, foi de extrema importância essa participação, diante da baixa oferta de capacitações especializadas nessa nossa área, aqui, no estado. Foi uma boa oportunidade de adquirir mais conhecimento, valioso e aplicável ao nosso dia-a-dia profissional, ainda mais pelo fato de precisarmos sempre estar nos reinventando e ressignificando nossa atuação na esfera do trabalho criativo.

A não continuidade dessas ações é uma pena. A Incubadora é uma excelente iniciativa, sobretudo pela interiorização, levando os agentes a municípios do interior, que são ainda mais carentes de capacitação especializada.

Nós, que somos produtores culturais, ou todos aqueles ligados à área das artes, terminamos ficando um pouco presos à questão dos editais públicos – por isso, acredito que toda iniciativa que lance uma luz sobre novas possibilidades de reinvenção econômica é válida. E a proposta do RN Criativo, ao meu ver, era muito essa, de apontar novas oportunidades e tendências, tanto de adquirir recursos, quanto de organização do pensamento sobre a cadeia produtiva, da qual fazemos parte.



Um sonho realizado

Por Mafaldo Pinto

A importância do RN Criativo foi muito importante para o meu trabalho, porque eu sonhava aprovar um projeto através das Leis de Incentivo à Cultura, mas, naquela época, eu não sabia nem como fazer um projeto.

Fui lá em 2015, participei, fiz algumas oficinas, alguns cursos, todos de muita qualidade, com pessoas bem conhecedoras dos assuntos abordados. Uma das oficinas que fiz foi a de produção de projeto cultural. Gilmerly e Josivaldo foram maravilhosos, super-prestativos comigo, e me ajudaram a elaborar o projeto “Riso Grande do Norte”, que foi aprovado, mas não consegui captar recursos. Aliás, esta é uma grande dificuldade na área de projetos culturais: as empresas ainda demonstram alguma resistência, é difícil ter acesso aos empresários, que, por desconhecimento, às vezes, nem nos recebem.

Aprovei meu projeto pela segunda vez, consegui duas empresas para captar os recursos necessários, e, possivelmente, vou conseguir realizar, em 2018, o “Riso Grande do Norte”. I

Tudo isso só foi possível pelos cursos oferecidos aos muitos participantes, e pelo apoio e paciência de todos que fizeram o RN Criativo.



Arte como negócio

Por Marília Aranha

O capital intelectual e cultural precisa ser sustentável, mas como uma grande maioria dos empreendedores do setor não se identifica, e até tem certa dificuldade em lidar com a gestão desses negócios, é de suma importância capacitar os empreendedores da Economia Criativa, como fez a Incubadora RN Criativo, para que eles possam enxergar a sua arte como negócio e conduzir as atividades de modo rentável.

Governo destina R\$ 26 milhões para equipamentos culturais

Por Mário Ivo Cavalcanti
Fotos Demis Roussos e Rayane Mainara

Artistas, produtores culturais e a população em geral receberam em meados de 2016 a boa notícia, anunciada pelo governador Robinson Faria – um investimento de R\$ 26 milhões para a reforma de teatros, museus, bibliotecas e Casas de Cultura em todo o estado.

O anúncio foi feito na Pinacoteca do Estado, durante solenidade pela comemoração do aniversário de 515 anos de história do Rio Grande do Norte, celebrado no dia 7 de agosto. A data faz alusão à chantagem do Marco de Touros, o monumento colonial mais antigo do Brasil, no litoral norte do estado, em 1501.

A solenidade teve apresentações da banda de música do Exército, da banda marcial da Escola Estadual Nestor Lima, das bailarinas da Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão e do cantor Isaque Galvão, que interpretou texto de Iaperi Araújo [veja a seguir, nas próximas páginas].

Dentre as obras previstas a serem executadas com esses recursos, estão as reformas dos teatros Alberto Maranhão, Lauro Monte e Adjuto Dias (em Natal, Mossoró e Caicó, respectivamente), Planetário de Parnamirim, Palácio Potengi, Memorial Câmara Cascudo, Museu Café Filho, Escola de Dança do TAM e Biblioteca Câmara Cascudo. Os recursos serão aplicados ainda na compra de equipamentos para 30 bandas de música, em 30 municípios.



Mérito à Cultura

Por Ailton Medeiros

É inestimável o apoio do governador Robinson Faria à cultura do Rio Grande do Norte. Este apoio pode ser traduzido nos 26 milhões de reais que estão sendo aplicados na reforma de teatros, museus, biblioteca e Casas de Cultura e nas ações executadas pela Fundação José Augusto em Natal e no interior.

No área que coordeno – Livro, Leitura e Biblioteca –, o apoio do governador foi importantíssimo. Resgatamos o jornal *O Galo* e a revista *Preá*, criamos uma nova revista dedicada exclusivamente às artes audiovisuais, a *Carcará*, além de lançamentos e reedições de livros.

Outro exemplo é a Biblioteca Câmara Cascudo. Fechada há cinco anos, ela está prestes a ser reaberta depois de receber investimentos na ordem de 2,5 milhões reais. Não se trata apenas de mera reforma. O Governo ampliou e reequipou a Biblioteca, dotando suas instalações de galeria de arte, auditório, espaço exclusivo para crianças, café e um moderno sistema anti-incêndio, além, claro, da aquisição de novos títulos e da digitalização de todo seu acervo, estimado em 100 mil títulos. Este é sem dúvida, o mérito principal deste Governo.

Destinação prevista dos recursos

Teatro Alberto Maranhão R\$ 7,8 milhões

Teatro Lauro Monte R\$ 4,5 milhões

Teatro Adjuto Dias R\$ 110 mil

Palácio Potengi R\$ 3 milhões

Memorial Câmara Cascudo R\$ 550 mil

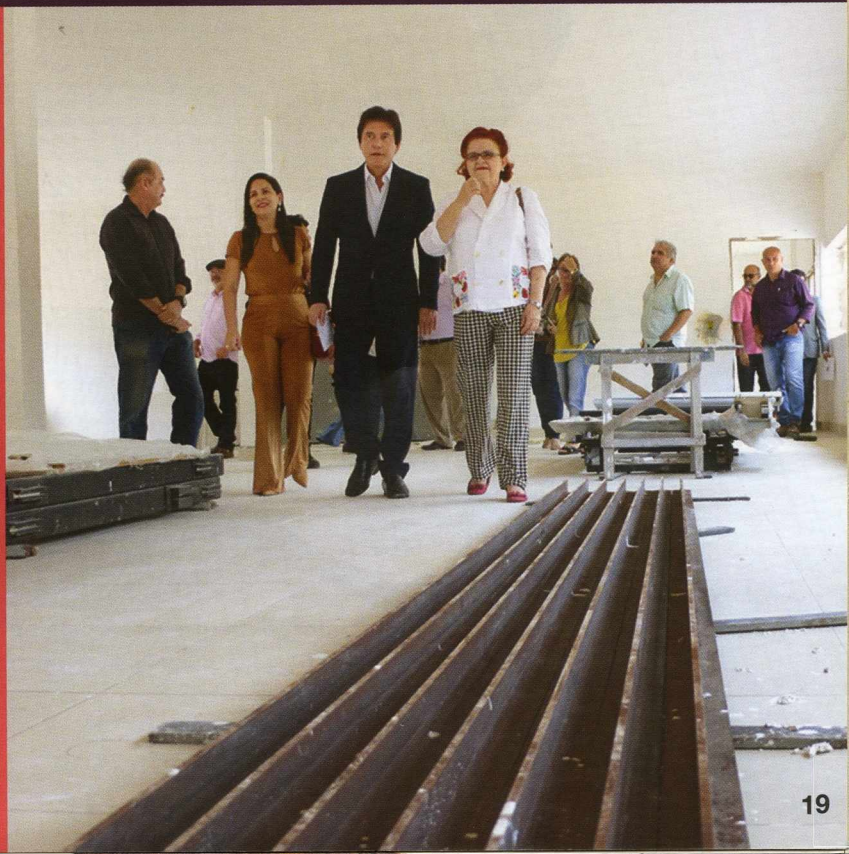
Museu Café Filho R\$ 500 mil

Escola de Dança do TAM R\$ 1,6 milhão

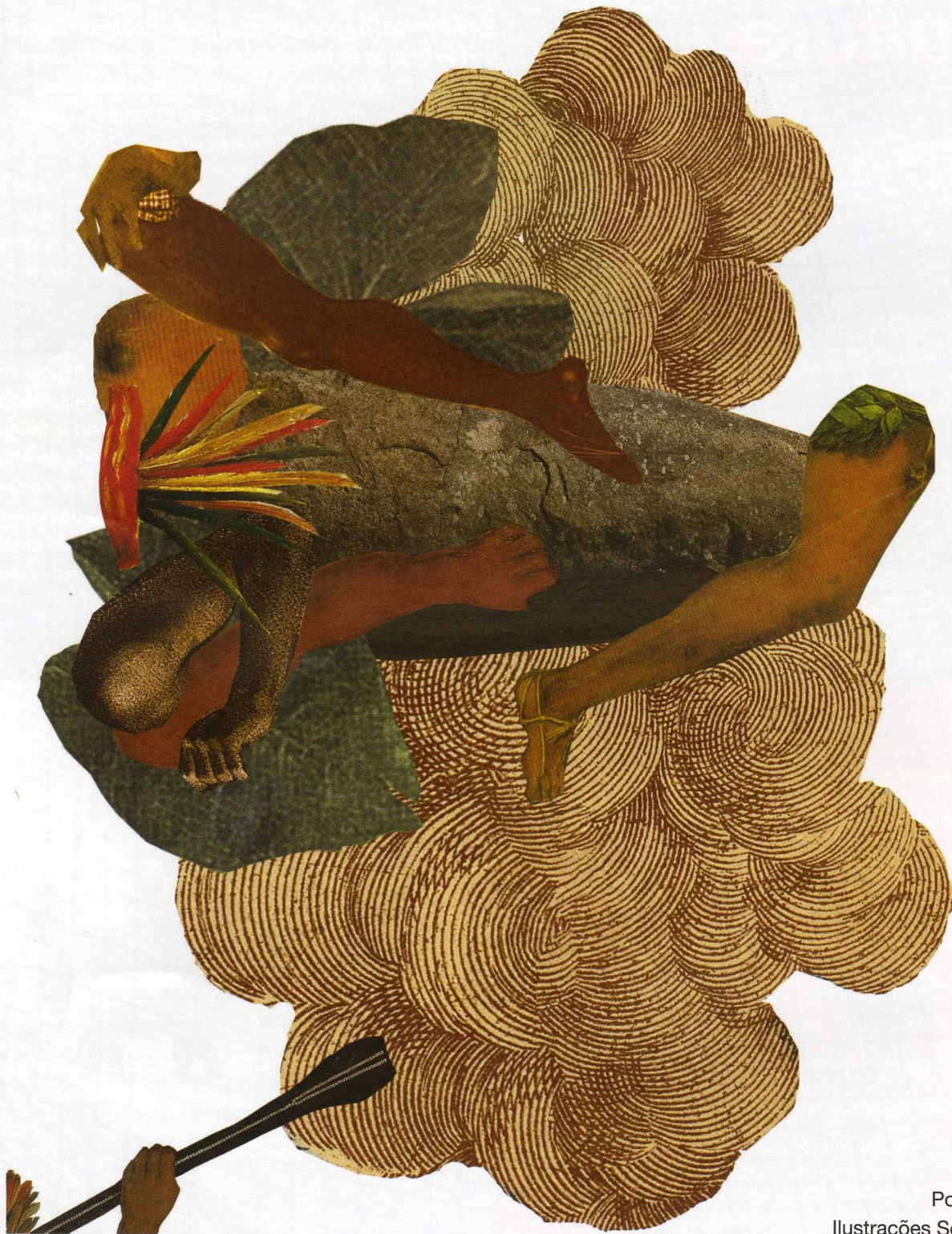
Biblioteca Câmara Cascudo R\$ 1,6 milhão

Planetário R\$ 2,1 milhões

Compra de equipamentos para 30 bandas de música em 30 municípios R\$ 3,8 milhões



A Descoberta do Rio Grande



Por Iaperi Araujo
Ilustrações Sofia Bauchwitz

Após a expedição comandada por Pedralvares Cabral avistar as terras do Novo Mundo, em abril de 1500, apressou-se o comandante português em mandar de volta a Lisboa uma nau, levando documentos e provas. Preocupado com a ocupação e o domínio da terra, Dom Manuel I determinou nova expedição ao Novo Mundo, levando padrões de pedra a serem fixados como marcos do domínio português. A expedição, com três navios, partiu de Lisboa em 10 de maio de 1501, tendo como navegador o florentino Américo Vespúcio, indicado pelo banqueiro Bartolomeu Marchionni, interessado nas riquezas daquelas terras. Após sessenta e sete dias de tormentosa travessia do oceano, enfrentando mais de quarenta dias de chuvas, chegou a esquadra a uma baía de tranquilas águas tépidas. Era o 7 de agosto de 1501. Nesta data, pelo começo da manhã, a esquadra de Gaspar de Lemos e André Gonçalves, com Américo Vespúcio apressando-se em calcular a localização da esquadra, a cinco graus ao sul do Equador, fundeava na pequena baía, defronte ao litoral do atual Rio Grande do Norte, município de Pedra Grande, na praia de Cauã ou Enxu Queimado, avistando logo, escondendo-se no alto das dunas, alguns silvícolas. Fundeada a esquadra, desceram alguns escaleres e, após demorarem na praia, onde chantaram um marco de pedra lioz com 1,20 metro de altura tendo entalhados a Cruz de Cristo e o brasão do reino português, e mais quatro testemunhas, *tenentes* de pedra, pequenos marcos ao redor do principal para favorecer sua localização, autorizou o comandante a que dois marinheiros fossem em busca dos silvícolas, que, dissimulando-se entre a mataria rasteira, observavam os estranhos visitantes. Deu-lhes, aos dois, um prazo de cinco dias, quando retornariam das naus. No prazo determinado, voltaram os escaleres à praia e nada encontraram. Alguns silvícolas montavam guarda no cimo das dunas. Um marinheiro, companheiro dos dois desaparecidos, solicitou ao comandante autorização para se dirigir aos habitantes do lugar em busca de notícias dos amigos. Foi-lhe dada. Enquanto os marinheiros retornavam aos escaleres um pouco adentro do mar, a fim de tornar os nativos menos temerosos, o jovem dirigiu-se aos silvícolas, que desciam das dunas ao seu encontro. Eram somente mulheres. Logo o examinaram, maravilhadas por ele, palpando suas roupas, sua barba, seus cabelos. Nesse ínterim, uma delas, com um pesado tacape de madeira, aproximou-se por trás do mancebo, vibrando-lhe forte cacetada, que o matou imediatamente. Ao mesmo tempo, hordas de silvícolas desceram das dunas, acunhando os portugueses com pedras e paus, e o marinheiro morto era arrastado para as dunas, onde uma fogueira já estava acesa para o moquéim do banquete antropofágico (– *Valha-me, Oswald de Andrade!*). Os navios dispararam alguns tiros de canhão para assustar os moradores do lugar, mas eles cantavam e dançavam, enquanto



preparavam as carnes do moço para sua alimentação e faziam gestos com as mãos, dando a entender que os dois cristãos que o antecederam já tinham sido comidos. A tropa que desembarcara, que, para demonstrar sinais de amizade havia entrado nos escaleres e ficado a meio caminho da praia e das naus, observava horrorizada as cenas de canibalismo. Os nativos atacaram os escaleres com paus, pedras e chuços, na maior zoadá, ao tempo em que os das naus, observando a gritaria, responderam ao ataque com mais tiros de canhão, o que, surpreendentemente, não os amedrontou. Refeito do susto, revoltado e aterrorizado com as cenas de antropofagia, o comandante determinou que fossem levantados os ferros e que as naus seguissem na missão, navegando para o sul, margeando a costa, denominando os acidentes geográficos do lugar. Em 17 de agosto, avistaram um pontal que denominaram Cabo de São Roque, por ser o dia daquele santo. Na costa pernambucana, deram o nome a outro, Cabo de Santo Agostinho, e assim desceram toda a costa brasileira até a Patagônia argentina. Por séculos, o Marco chantado pela expedição de reconhecimento ficou esquecido. Os nativos da aldeia, moradores da praia, depois de catequizados, e vendo no entalhe de pedra a Cruz de Cristo, consideraram-no um Marco Santo. Algumas vezes faziam procissões e festas votivas e reconheciam seus milagres e acendiam velas e colocavam fitas e esculturas de partes do corpo que haviam sido curadas pela fé. Braços, peitos, cabeças e pés. No final do século XIX, o Barão de Studart deu conhecimento ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro da existência do Marco, comparando-o ao encontrado na Bahia e ao de Cananéia, em São Paulo, já descoberto e removido para aquela Instituição. Em 1928, o historiador Luís da Câmara Cascudo esteve no local, fotografou e registrou sua existência. Em 1976, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, após tombá-lo como Patrimônio Nacional, removeu-o para a Fortaleza dos Reis Magos, deixando no local uma cópia para preservar as tradições populares. O marco chantado no Rio Grande é o mais antigo registro de posse das terras brasileiras, e a data de sua fixação, 7 de agosto de 1501, por intermédio da Lei 7.831 de 30 de maio de 2000, foi considerada como o Dia do Rio Grande do Norte. **VIVA O RIO GRANDE DO NORTE!**

retrospectiva 2015-2018

O maior encontro de filarmônicas da história do RN

Por Mario Ivo Cavallanti | Fotos Acervo Bandas



Banda de Carnaúba dos Dantas



Em sentido horário: Banda de Florânia, Banda de Santa Cruz, Banda de Assu e Banda de Tenente Laurentino

Um grande e inédito concerto de música instrumental celebrou o Natal de 2016 e reuniu cerca de mil músicos, componentes de 20 bandas filarmônicas do interior e da capital. Foi o *Tocata para Natal*, o maior encontro de bandas já visto no Rio Grande do Norte, sob coordenação geral do maestro Bemben Dantas. O público lotou a Praça 7 de Setembro, em frente à Pinacoteca do Estado, e vibrou com as apresentações das filarmônicas de Assu, Acari, Campo Grande, Carnaúba dos Dantas, Fernando Pedroza, Florânia, Ipanguaçu, Lajes, Monte Alegre, Ouro Branco, Ruy Barbosa, Santa Cruz, São Gonçalo do Amarante, São José do Seridó, São Pedro, Tenente Laurentino, Timbaúba dos Batistas, e de Natal, dos bairros de Felipe Camarão e Nova Natal.

O concerto histórico teve ainda a participação especial do cantor e compositor Pedro Mendes, que interpretou seu clássico “Linda Baby”, que homenageia a capital potiguar.

O evento foi promovido pela Fundação José Augusto em parceria com o Sistema Estadual de Bandas (Sebam) e integrou a programação natalina de 2016, o *Natal da Meninada*, que incluiu, entre outros, o espetáculo *Um Presente de Natal*, com direção de Diana Fontes, reunindo a Camerata de Vozes do RN e a SESI Big Band, sob regência do Monsenhor Pedro Ferreira, e a projeção mapeada *Nasce Natal*, sobre a história da cidade, coordenada por Wil Amaral.

O governador Robinson Faria destacou os esforços em oferecer aos cidadãos uma ampla programação e se emocionou com as apresentações: “O que me deixa mais feliz é ver que estamos dando oportunidade a jovens artistas de todas as regiões, incentivando a cultura do nosso estado.”

A Preá está de volta, viva a Preá

Por Mário Ivo Cavalcanti
Ilustração Sofia Bauchwitz

Antes de o ano – que logo-logo será velho – expirar, e antes que o novo dê as caras, na eterna dúvida que todo rebento traz consigo – *que será no futuro? o que vai ser quando crescer?* –, a Preá volta a circular e dispensa respostas adivinhatórias. Vai ser o que der pra ser e o que o poder público fizer dela.


A Preá nasceu há 15 anos, capitaneada bravamente por François Silvestre e Tácito Costa, que descreveu a empreitada – este ano, no seu blog Substantivo Plural – como “uma aventura e tanto”. “Com uma equipe reduzida, recursos parcos e uma burocracia sinistra, era uma luta botar a revista na rua, primeiro trimestralmente e depois bimestralmente. Periodicidade cumprida religiosamente. Às vezes, milagrosamente”, resumiu o editor.

Em 2011, Isaura Rosado me convidou para editar a revista, sem a certeza do que seria exatamente a publicação e nem mesmo se deveria manter o nome. Eu, que tinha sido “formado” pelo *O Galo*, de Woden Madruga e Marize Castro, e seu leitor assíduo na década de 1980, chamei atenção para o erro na descontinuidade das coisas, característica infeliz desse Rio Grande *Sem Sorte* – para usar os versos do poeta Bosco Lopes (*até quando? até quando?*). Mesmo não morrendo de amores pelo nome, seria incorrer no mesmo erro de, após consagrar e imprimir uma marca no cenário estadual e até nacional, jogar tudo fora, numa política que se aproxima perigosamente da tática de “terra arrasada”.

Mantivemos o nome, e eu editei alguns números até o ano seguinte, sentindo na pele, nos ossos, nos dedos da mão e, acima de tudo, no coração, a mesma experiência vivenciada pelo seu primeiro editor – equipe e recursos praticamente inexistentes, burocracia assombrosa, e o quase milagre de botar bloco e revista na rua.

Anos depois, estamos de volta. Sem cachorro sorridente no portão, sem retrato amarelado na parede. E com uma única certeza: independente de quem dirige a Fundação e de quem edita a revista, a Preá, sim, resiste, qual fênix fabulosa. Vida longa à Preá!





Quem fez essa edição da *Preá*

Dimetrius Ferreira é velho conhecido da *Preá*, e autor do projeto gráfico das edições de 2011-2014. Formado em Comunicação Social, trabalha no mercado editorial e publicitário como diretor de arte e designer há mais de dez anos. Participou de outras publicações como a revista *Brouhaha* e o fanzine *LADO[R]*. Atualmente se destaca também como músico e é um dos fundadores da banda potiguar Mahmed.

Cleonildo Mello estreia na *Preá* assinando uma matéria sobre a qual tem largo conhecimento, graças ao trabalho executado há anos junto à equipe da Unidade de Comunicação e Marketing do Sebrae-RN. Formado em Jornalismo, com especialização em Marketing Estratégico, tem uma carreira pautada também na Comunicação Corporativa, e foi um dos idealizadores e fundadores da Agência Cuca. Assina também a matéria sobre a *Cantata para os Santos Mártires*.

Sofia Bauchwitz é outra velha conhecida da *Preá*, tendo ilustrado algumas edições da revista nos anos 2011-12. Artista visual e pesquisadora em artes, vive e trabalha entre Natal e Madri, onde expôs recentemente na Sala de Arte Joven e no Centro de Arte Complutense – e também na cidade holandesa de Arnhem, no Museum Arnhem; em João Pessoa, na Estação das Artes; e em Los Angeles, no MAK Center. A capa deste número e a matéria principal têm a marca do seu talento.

Diana Fontes tem no vasto currículo como bailarina, coreógrafa, produtora e diretora teatral, seguidas e incontáveis consagrações e a confiança na execução perfeita do seu trabalho. “As pessoas pensam: ‘tem pouco tempo? Então, chama Diana’”, conta o que aconteceu em seu último espetáculo, a *Cantata para os Santos Mártires*. Foi o que também aconteceu quando a convidamos para escrever o texto sobre seu processo criativo – o qual foi entregue no prazo.

Danilo Guanais é o grande parceiro de Diana Fontes – e vice-versa –, e sobre quem escreve neste número. Compositor, violonista e professor de música, também está acostumado a executar grandes trabalhos em tempo mínimo. Autor de quase todos os autos já produzidos no estado, compôs os cantos litúrgicos da *Missa de Alcaçus*, por exemplo, em apenas quatro meses, e hoje é o CD de música erudita mais vendido do país.

